

LAVOURA DOS CÃES

Monteiro, Miguel,(1995),
"Cultos e Ocultos de Monte Longo",
separata - Minia,
Braga, ASPA,PP.103-135.

Tempo festivo das colheitas e de organização do calendário



Fotos de Francisco Botelho (1980)

Uma festa no dia em que o diabo anda à solta, os agricultores mascaram-se, os cães são bois e as cabras são vacas.



Fotos de Francisco Botelho (1980)

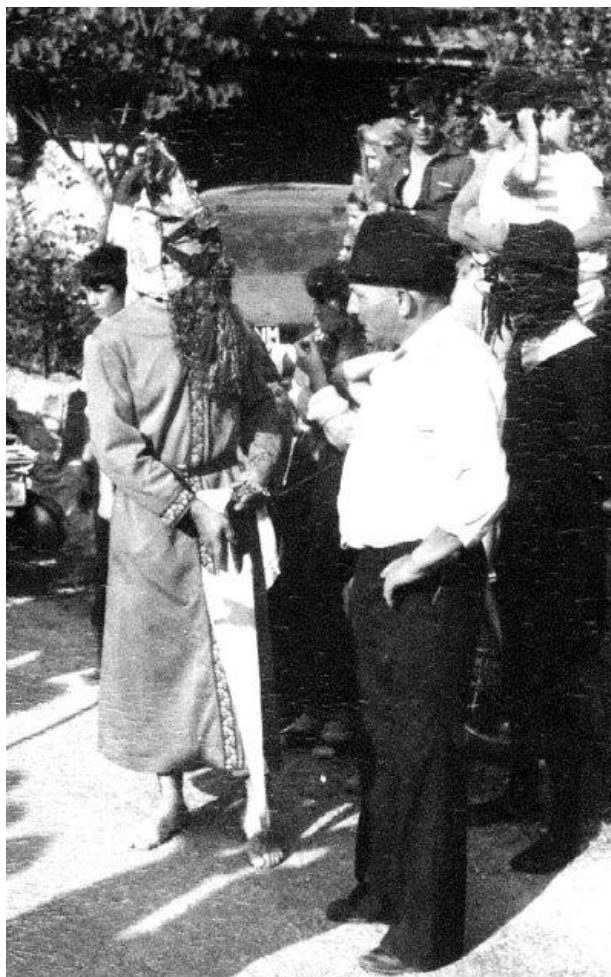
A *Lavoura dos Cães* é a designação de uma das mais interessantes e muito frequentadas festas do planalto de Montelongo que, no calendário católico corresponde às festas em honra de São Bartolomeu.

Estas festividades de 24 de Agosto realizam-se em todo o Minho com estranhos rituais. As mais espectaculares realizam-se nas freguesias de São Bartolomeu do Mar, no concelho de Esposende e na freguesia do Rego, concelho de Celorico de Basto.

A primeira há muito que foi divulgada pelos meios de comunicação social, surgindo referenciada em diversos estudos.

A segunda só recentemente conhece a preocupação dos meios de comunicação social e o interesse dos estudiosos.

A primeira e única descrição desta festa surge em 1963, no jornal *Ecos da Montanha*, assinada por J.Pires Baeta, que aqui reproduzimos, onde o autor sugere algumas explicações. Nós acrescentamos alguns dados à descrição e procuramos acrescentar novos olhares explicativos.



Fotos de Francisco Botelho (1980)

«A festa do apóstolo S. Bartolomeu apresenta aqui a mesma feição de todas as festas religiosas minhotas, com vésperas de foguetório e *tramboleiros*, missa cantada no dia

Santo por um terno de presbíteros a que respondem do coro, os músicos da banda contratada para abrilhantar as cerimónias religiosas.

Aí pelo meio da tarde sai a procissão com os *tramboleiros* a abrirem o cortejo, a cruz erguida sobre um grupo de opas vermelhas, duas filas de rapazes ostentando bandeiras, os anjinhos e, pelo meio delas os estandartes das irmandades, os andores de dois armadores a despique, os padres abrigando-se do sol sob o pálio sustentado pela gente grada da terra, a banda de música entoando o *queremos Deus ...* e a massa compacta do mulhereiro na cauda da procissão.

Depois de recolher a procissão, o povo dispersa-se pelo terreiro, e aguarda com maior ou menor ansiedade o número da *lavoura*.»¹

O primeiro sinal de que estamos perante uma festividade invulgar surge ao ver-se a imagem do Santo com o diabo acorrentado aos pés, colocado no alto do andor, tendo os rapazes, que o transportam, colocado um cigarro na boca da demoníaca personagem e assim segue na cristã procissão em postura pouco ortodoxa.

1A *lavoura dos cães e o culto de Artemisa*, Ecos da Montanha, S.Bartolomeu do Rego, J. Pires Baeta, 24 de Agosto de 1963

Esta personagem voltará a uma outra festa, que se inicia ao pôr do sol: «Em determinado momento sente-se burburinho num caminho que converge para o largo onde se condensa a multidão, e vê-se investir pelo meio desta um grupo de mascarados farrapões armados de desajeitados paus que manejam no jeito de quem abre cadabulho ou espalha estrume com engajo por entre as pernas da multidão.

Estes mascarados, entre os quais aparecem por vezes alguns fardados de soldados e armados de caçadeiras, ao mesmo tempo que isso fazem vão arredando a gente para a berma do caminho, a abrirem espaço para execução da *lavoura*.



Fotos de Francisco Botelho (1980)

Aparece então, guiada por outro mascarado, uma parilha de cães a puxar um pequeno arado de pau que outro mascarado agarrado às rabiças orienta conforme pode. Os cães, que nem sempre se entendem um com o outro, fazem entre si uma bulha que resulta

ficar em perigo as canelas do candeeiro, o que serve de galhofa e de entretenimento para os espectadores.

Os primeiros mascarados e outros que vão aparecendo conservam a multidão afastada servindo-se dos paus ou toscos utensílios que manejam agora em jeito de quem anda a picar seitas, fazendo de vez em quando arremetidas contra os mais avançados ou alguma moça mais *guapa*.

Aparece então outro mascarado com um avental cheio de baganha que vai semeando pelo chão, e também, às vezes, por cima da cabeça dos espectadores.



Fotos de Francisco Botelho (1980)

Surge finalmente uma junta de cabras atrelada a uma pequena grade que percorre o terreno da lavoura como se andasse a agradá-lo, continuando os mascarados a manter a multidão fora do terreno onde a cena se desenrola.»²



Fotos de Francisco Botelho (1980)

O diabo regressa personificado para integrar esta manifestação festiva, quase nu, numa negritude assustadora, circulando familiarmente pelo meio da representação agrícola dos mascarados.

Saindo de um local inesperado irrompe pela multidão, em grande correria, agarra uma rapariga que se esperneia em grande gritaria. A assistência agita-se deliciada perante este espectáculo, como participante duma orgia excitante do caos colectivo que todos envolve..

Por entre esta caótica representação uma possante personagem encarna a figura de São Bartolomeu, coberto com uma capa encarnada e, na mão direita exhibe uma majestosa espada prateada.

O diabo, quando solto das suas mãos permite-se a todos os devaneios e loucuras, provocando gritarias e a confusão na multidão que veio assistir, para depois se tornar manso e ordeiro quando o santo o acorrenta, num jogo delicioso e nunca ensaiado, tranquilizando por momentos a assistência.

Se o diabo se torna na personagem mais vistosa do conjunto, pela irreverência e pelos movimentos assustadores, outras não menos irreverentes constroem um cenário de verdadeira orgia, tal como o mascarado condutor das cabras, que de quando em vez, arranca jactos de leite jorrados das suas tetas fartas na direcção dos espectadores.

Por entre, o cortejo outras personagens, circulam em gestos que se foram incorporando, ao longo do tempo, na manifestação: um padre, benzendo os espectadores que ladeiam o trajecto com uma vassoura feita issope, mergulhada em água suja suspeitando, a multidão, tratar-se de urina; um barbeiro, aqui e além para barbear um participantes do cortejo; casal de noivos que mais tarde terá casamento.

Da multidão saem ofertas de líquidos, servidos em penicos para refrescar as gargantas dos mascarados cansados e sequiosos. Tratando-se de vinho branco, logo se vêem os seus efeitos etílicos nos gestos desmedidos da comitiva dos mascarados.

A noite cai e os habitantes da freguesia acordam já entrados no novo ciclo agrário, festejando 182,5 dias depois, em 24 de Fevereiro, o Carnaval, regressando novamente as mesmas máscaras para outros rituais mágicos festivos..

J. Pires Baeta, sugere duas abordagens ao problema: uma integrada na perspectivada da história da cristianização e outra inserida na dupla vertente da cultura "primitiva" local associada a mitologia Grega.

Em defesa do primeiro ponto de vista diz: «trata-se de uma reminiscência de antigo culto aqui prestado no mês de Agosto a qualquer divindade venerada pelos nossos antepassados, antes da sua doutrinação pelos evangelizadores cristãos.

Estes, só muito tarde, já depois do século VI, conseguiram dominar completamente nas aldeias os antigos cultos pagãos, pois nesse tempo ainda S. Martinho de Dume (Arcebispo de Braga) se insurgia veementemente contra o predomínio de práticas pagãs no seio do culto cristão.



Fotos de Francisco Botelho (1980)

As festas religiosas constituíam nesses recuados tempos o melhor motivo e pretexto de diversão para os povos. Estes sempre necessitaram de se recrearem e divertirem.

Por isso, os evangelizadores cristãos, em vez de condenarem essas festas, adaptaram essas, sistema mais eficaz de lhes fazerem concorrência com os seus santos; e foram mesmo ao ponto de consentirem o enxerto nestas, de determinadas tradições pagãs, com a condição de que se apresentassem despidas do seu antigo significado religioso, procurando ao mesmo tempo dar-lhes um novo simbolismo, inspirado na bíblia.

Não será pois de estranhar que a lavoura dos cães constitua uma reminiscência do antigo culto pagão enxertado na festa do apóstolo S. Bartolomeu, que segundo a tradição é o guarda-mor do jardim zoológico dos diabos.

Daqui resultará que os personagens humanos intervenientes na lavoura, se apresentem mascarados de diabos no modo tornado tradicional no país desde Gil Vicente.»³

Depois, o mesmo autor, procura outros caminhos, cruzando uma cultura inicial de raiz local, buscando semelhanças entre os elementos presentes na manifestação da "Lavoura dos Cães" e a mitologia Grega.

Assim, o autor diz: «O mês de Agosto é o mês do belo luar, como diz o rifoneiro, o luar de Janeiro é belo, mas lá vem o de Agosto que lhe dá no rosto (embora seja no de Janeiro que os cães ladram à lua).

Ora, a lua foi adorada pelos nossos antepassados que construíram as antas e manuinhas, pelos colonizadores gregos que construíram os nossos crastos, e pelos conquistadores romanos. [...].

Não sabemos como chamavam à lua os nossos mais antigos antepassados, mas os Gregos que colonizaram estas terras de Entre-Douro-e-Minho, veneravam-na na figura da deusa Artemisa.

Para eles, assim como para os romanos que vieram depois, ela era uma deusa com um belo corpo de mulher, que tanto andava de dia a caçar pelos bosques com arco e aljava, acompanhada de uma corça branca e uma matilha de cães, como subia ao Céu sob a forma de um disco crescente luminoso, ou descia mesmo aos infernos escondendo-se da vista dos homens.

Dizia de resto que ao contrário das outras deusas, ela era muito ciosa da sua virgindade e que num dia em que se ficou descuidada a banhar-se nua nas águas límpidas que corriam por entre um bosque, um caçador de nome Actéon, vendo-a, maravilhado se aproximou para melhor a observar.

Mas, reparando nele a deusa, imediatamente o transformou em veado e logo no mesmo local ele foi despedaçado pelos próprios cães que o acompanhavam na caça.



Fotos de Francisco Botelho (1980)

A esta deusa que os gregos adoravam sob o nome de Artemisa, prestavam culto os romanos sob o nome de Diana, e sabemos que ela foi largamente adorada na Lusitânia, não sendo de admirar que também o tivessem sido neste planalto de Lamas ao Siguêlo pelos que já então aqui habitavam.

Aliás não seria a única deusa grega a que eles prestavam culto, pois também a deusa Io e a deusa Ares eram aqui veneradas conforme o prova a ara votiva de Vila Boa erigida em sua honra no século I ou II da era cristã [...].

Os gregos consideravam Artemisa como a divindade dos caçadores e rainha dos animais, tanto bravos como domésticos. Os romanos consideravam-na também a protectora dos escravos, e quer uns quer outros faziam sacrifícios em sua honra, imolando-lhe vitelas, pombos e outros animais.

Os romanos festejavam-na nos idos de Agosto (dia 13) realizando em sua honra um cortejo em que participavam os animais que lhe eram oferecidos, enfeitados com grinaldas de flores em volta do pescoço.

Este cortejo dava várias voltas ao templo da deusa antes de ser entregue aos sacerdotes as oferendas dos devotos, constituídas também por ex-votos que muitas vezes eram esculturas de bronze, representando diversos animais. Um desses ex-votos apareceu em tempos em Arnoia, encontrando-se hoje num Museu.

Estes costumes conservam-se ainda hoje em inúmeras festas cristãs, sobretudo nas realizadas em Agosto, como são as da S.ra das Neves (na Lagoa por exemplo), S. Mamede, S. Lourenço, etc.

Em nosso entender a presença dos cães e das cabras (estas em substituição de veados ou corças, desde que estes animais deixaram de aparecer na nossa região) constituíram uma alusão ao episódio mitológico de Acteon transformado por Artemisa em veado e estrangulado pelos seus próprios cães.

Originariamente não se trataria de uma lavoura, mas talvez de uma corrida (como a do porco em Braga) em que uma matilha de cães seria açulada a um veado previamente apesado para esta cerimónia.

O espectáculo terá porventura tomado a forma de uma lavoura depois de enxertado na festa cristã, para o expurgar do barbarismo primitivo, e o integrar em qualquer auto ou mistério representado nos séculos XV ou XVI em honra de S. Bartolomeu.

Da mesma época será também a entrada no espectáculo de mascarados de diabo, ao modo imaginado em França por F. Villon no século XV, e divulgado em Portugal por Gil Vicente.[...]»4

Aceitemos este desafio, excluindo o que o autor refere sobre o que terá sido o processo da cristianização nesta região, bem como as eventuais similitudes com a mitologia grega, sem que as excluamos do contexto da nossa interpretação.

O autor, colocando-se numa posição evolucionista, sugere que esta terá uma origem nos cultos da lua, para depois se decidir pela evolução cultural e assimilação de atitudes religiosas do cristianismo. Neste processo inclui, depois, a ideia de um espectáculo com origem em França e divulgado por Gil Vicente.

Inspiremo-nos apenas nas referências à lua e seus rituais, feitas pelo autor citado e tentemos avançar um pouco mais.

